
SALDANHA COELHO: O ESCRITOR, O ATIVISTA E O POLÍTICO

Carlos Nejar⁵

José Saldanha da Gama Coelho Pinto, conhecido como Saldanha Coelho, nasceu no Distrito Federal, em 20 de dezembro de 1926 e faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de agosto de 2006. Foi escritor, ativista cultural e político, militando nesses campos, com marcante liderança. Tinha um espírito coletivo, pronto para pensar, fazer e servir – o que raramente sucede. A inteligência era a vontade ardente de mudar as coisas, plasmar o futuro.

Escritor, colaborador de jornais e revistas do país, Técnico de Comunicação Social, redator e tradutor da Embaixada Americana, no Rio, Assessor da Presidência do Tribunal de Contas deste Estado, Presidente da Delegação à 1ª Conferência dos Servidores Públicos do Hemisfério Ocidental, no México, em 1958, foi um ser principal em tudo a que se entregou.

E como amou a literatura, era sobretudo admirável contista, fundou “A Revista Branca”, verdadeiro “armazém de forças vivas”, usando a expressão de James Joyce, ao agregar textos de eminentes críticos, jornalistas e contistas de sua época. Sua Revista tornou-se, portanto, um centro dinamizador de nossa mais alta criação. O que denota sua generosidade, seu industrioso ânimo. Foi político na literatura, em seu melhor sentido e foi um talentoso contista e romancista, com fortes personagens no rigor do estilo, seguindo a lição de Marcel Proust, genial catalizador da alma e da memória.

Aliás, é de registrar a divulgação notável da obra do grande romancista francês e universal, num livro saído por sua editora, *A Revista Branca*, com o título de “Proustiana Brasileira” (em 1949), onde há ensaios magníficos de Tristão de Athayde, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Alvim Corrêa, Augusto Meyer, Evaristo de Moraes Filho, Otto Maria

⁵ Poeta, ficcionista, tradutor e crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Carpeaux, Josué Montello, entre outros, com nota introdutória de Saldanha Coelho e acréscidos de versões fragmentadas de Proust.

O que me chamou atenção, foi a agudeza das análises. Seja de um Alcântara Silveira que observa: “O estilo de Proust não é o único valor de sua obra, pois mais importante do que ele é a composição do romance, ou melhor: os ingredientes que entram nessa composição mágica que revelam no autor um autêntico bruxo.(..) Os ingredientes são o tempo e a memória”; seja de Raymundo Souza Dantas que revela ser “o enclausuramento de Proust seu mundo verdadeiro; fora dali o exílio”; seja em Carpeaux, que salienta ser “A imaginária quarta dimensão, a profundidade dos quadros do sonho”, no escritor gaulês, ao transformar-se em valor plástico; seja em Tristão de Athayde, advertindo ser em Proust, o essencial, a dissociação dos estados de alma, a independência dos elementos da vida interior e a multiplicação da personalidade.

Curioso é que a busca do contista Saldanha Coelho, nos livros “Pátio”, “Mural” e “Carrossel” têm a confluência proustiana, numa invenção da alma da memória e a memória da alma nos seus viventes, que depreendem emoções, sensações, estados do espírito, dentro do que Novalis previa: “fazer novelas regidas por associação como nos sonhos”. Todavia, a experiência romanesca de Saldanha Coelho, em “Memória de Inverno” (1956), trabalha mais profusamente essas premissas, a ponto de Herberto Salles nomear seu clima de poesia e Amândio César proclamar “a visão profunda do homem interior”, semelhante ao homem de qualquer outro quadrante geográfico. O que fala de sua universalidade e magia.

Muitas vezes o autor cria a máscara e separa dela seu rosto, como se a criação borgeamente fosse a de um Outro. O Outro a máscara e o rosto, o criador. No caso de Saldanha Coelho, com simplicidade e arte, alcança ser em cada personagem ele mesmo. Ou a máscara de sua proverbial humanidade se cola ao rosto. Fernando Pessoa diz que o poeta é um fingidor, mas pode ter sido também interpretação para si mesmo, com seus heterônimos. O rosto, que já é a máscara não finge, sonha, vive, eleva-se, sofre de amor ou de penúria. Ou os sonhos são pretextos para opulentas visões. O que não deixa de ser realidade, a que T. S. Eliot afirma que rebenta. Os textos, sim, de Saldanha Coelho rebentam de realidade. Vejam o fragmento do conto, “A Porta”: “Gabriela deve modificar-se, porque não sei até quando aguento seus requintes de desleixo, não posso avaliar a minha capacidade de ser tolerante. Receio que esteja próximo o dia em que outra vez a porta se abra para eu sair, e não quero que isso aconteça- embora a responsabilidade seja dela, pois não serei eu quem vá abri-la como um foragido;

desta vez se isto acontecer será pelas mãos de Gabriela, expulsando-me como um intruso” (obra citada, pág.105). Essa voz de autoridade, é a de quem se encontra diante de um fato, diante de certa conduta e por dentro da realidade ficcional.

E lembro, agora, como outro exemplo, a pungência da esmoleira do conto, “A mulher do comerciante”, que integra “Mural”. Porque Saldanha Coelho não se isola, sabiamente se move de piedade e é a dele, de repente e de todos os homens.

Registra Reynaldo Bairão, na página 7, do exemplar de novembro de 1951: “Os personagens (de “O Mural”), não são felizes, em sua totalidade. Não porque não ambicionem a felicidade, mas porque a felicidade se recusa a participar de suas vidas (...) Até na vida comum, existe o sonho, como se fora um Deus maior, anterior à sua própria condição”.

Portanto, sua ficção nos faz despertar ao íntimo da alma, na feição paradigmática de Novalis:” Estamos a ponto de despertar quando sonhamos que sonhamos”. Mas é a forma, igualmente, de o autor – não apenas contar a história, mas viver a história, ou estar por ela absorvido. Pois Saldanha Coelho não esquece jamais o tempo e sua tessitura, o movimento, a largura e o fundo nessa suntuosa imaginação, que aciona o alegórico e desfecha, nas minúcias (“e a poesia está nas minúcias), a presença do destino humano e o círculo da história que se cerra como uma caixa.

Vale, aqui, recordar A REVISTA BRANCA, fundada em 1948, com imensa repercussão, com muitos números e o relevo de representar naquele momento nacional, o mais valioso, no que tange ao processo literário. Nomes, hoje na glória, andaram em suas páginas. Desde o produto da arte e razão criadora, de Afrânio Coutinho, ou “O teatro de Nelson Rodrigues”, de Samuel Rawet, ou pôemas de Alberto da Costa e Silva, Afonso Félix de Sousa, Edna Salvaget, Élcio Xavier, ou entrevista de Jacques Prevert (a Louis Wlznitezer), ou “Ensinaça sobre a falsa humildade”, de Darcy Damasceno, ou a entrevista de Auden, referindo que “catolicismo e hermetismo não se implicam”, mencionando que o artista não tem tendência, vão ao encontro de si mesmo. Ou artigo de Fausto Cunha, sobre “A improvisação – problema crítico e ético”, ou a “Poesia de Ruben Dario”, de Judith Domingues, ou o depoimento de Marcel Jouhandeau, negando a existência da sociedade e defendendo somente o conhecimento dos indivíduos, ou o testemunho de Tasso da Silveira sobre “Hermetismo” e tantos outros. O que aludi foi pujante modelo da excelência da “Revista Branca”, como porta-voz heroico de um

tempo precioso de nossa história, numa empresa de *exército de um homem só*, empresa épica, de amor ao porvir. O que não é pouco.

Por fim, há que lembrar as lições de Saldanha Coelho, ao escrever o livro, em 2ª edição ampliada, sobre “Envelhecer e ser feliz” (premiado pela Casa de Machado, com o “José Veríssimo”, em 1991), que se debruça a respeito da “Terceira Idade”, com entendimento e “estímulo vibrante” (a expressão é de Houaiss), demonstrando que o importante no fim da vida, é saber viver bem com o que restar do tempo. Vestir-se com apuro, manter relacionamentos amorosos de qualquer natureza, ocupar-se da realização de algum projeto idealista, intensificar os momentos de prazer que as economias amealhas permitirem... escudar-se contra as agressões do mundo paralelo, indiferente ou insensível à senescência”. Reafirmando ser a velhice o tempo de colheita.

Mas termino com a alusão ao extraordinário Político Saldanha Coelho, guerreiro do bem comum, Vereador, Deputado Constituinte pelo PTB, líder da Oposição, reeleito Deputado Estadual pelo mesmo partido, com sua maior votação. Líder natural e reconhecido pela clarividente e corajosa presença, sofreu em 1964, injusta Cassação dos seus direitos políticos e de seu mandato, demitido do ex-IPASE, preso nos quartéis do Exército e depois exilado no Uruguai.

Em 1965, lançou “Um Deputado no exílio” e foi encarcerado outra vez por ordem da Polícia do Exército. Mas não desistia de suas ideias, nem da luta pela liberdade, que se reinventava com ele.

Além da herança portentosa, com a memória da Consciência cultural que nos legou, a inspiração ética e humanista, deixou, entre nós, seu filho, pensador e advogado, Luciano Saldanha Coelho, da Academia Brasileira de Filosofia e de nossa fraterna amizade.

Do “Esconderijo da Nuvem”, Urca, Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 2018.